
**A RECEPÇÃO DA OBRA E O LEITOR
JOVEM: UMA (NEM) TÃO DIFÍCIL
CONJUGAÇÃO***

Eliana Gabriel Aires**

Resumo: *este artigo pretende discutir a recepção do texto literário, descrevendo situações que induzem os jovens leitores a dar respostas criativas em interações dialógicas. Este levantamento refere-se a duas novelas juvenis de autoria da brasileira Lygia Bojunga Nunes, Paisagem e Fazenda Ana Paz. As ficções de Lygia Bojunga, valendo-se de uma linguagem de múltiplas significações, frequentemente exigem um leitor especial, capaz de preencher as lacunas do texto e, mesmo, reconhecer-se na trama. Decidimos ouvir esse leitor, deixando-o falar de sua vida e de seus objetivos, verificando como a leitura das novelas de Bojunga influenciou seu modo de pensar e de agir.*

Palavras-chave: *Leitura. Leitor. Novela juvenil. Recepção. Escola.*

Para nos situarmos na óptica do leitor, decidimos ouvi-lo, pois consideramos que nada expressa tanto sua sensibilidade e percepção crítica como o ecoar de sua própria linguagem, única, e só ela capaz de estabelecer o contorno peculiar que caracteriza a magia deste encontro: texto literário - leitor. Assim, queremos ressaltar o lugar do leitor na narrativa moderna e em especial em duas novelas de Lygia Bojunga - *Fazenda Ana Paz* e *Paisagem*.

A leitura é um processo interativo, um jogo de parceria, um diálogo entre texto e leitor. Por isso, pode-se dizer que, a rigor um livro não existe antes de sua leitura. Para que ele adquira vida, é preciso que um leitor dele se aposses e o escreva de novo pela sua leitura. Nas palavras de Tacca, assim procedendo “o leitor transforma-se, não já no autor, mas em outro autor: a leitura converte-se na escrita de um novo livro, absolutamente pessoal e intransmissível” (TACCA, 1983, p. 149).

Esse é um processo que atua em duas direções. Por um lado, o livro tem necessidade de um leitor que o tire do anonimato, que com sua

força e energia o transforme mesmo sendo o mesmo; por outro, dessa interação também surge um “outro autor”, que é o leitor já transmutado. Nesse processo dialético, ambos os sujeitos têm uma função maior, como esclarece Sartre (1993, p. 37):

O ato criador é apenas um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o escritor existisse sozinho, poderia escrever quanto quisesse, e a obra enquanto objeto jamais viria à luz: só lhe restaria abandonar a pena ou cair no desespero. Mas a operação de escrever implica a de ler como seu correlato dialético, e esses dois atos conexos necessitam de dois agentes distintos.

Durante muito tempo, o olhar crítico sobre a arte literária, ainda que acolhendo uma grande diversidade de abordagens, priorizou uma interpretação unívoca que revelava a presença de uma ótica pré-estabelecida. Dessa postura decorria uma visão homogênea e massificadora nas leituras críticas. É relativamente recente a inclusão do leitor no processo e sua valorização atribuída ao enfoque que ele dá ao texto literário bem como aos critérios de sua recepção. Apesar de ser bem antiga a preocupação com o público leitor, basta lembrar a catarse aristotélica e o sublime longiniano, ela volta revigorada mudando o paradigma dos estudos literários e manifestando-se como revalorização de uma tradição anterior nas últimas décadas do século XX (ECO, 1995).

A obra literária quer se emancipar e se libertar de imposições e preconceitos e para isso precisa desautomatizar uma recepção estereotipada. Cria-se assim uma situação dialética através da qual o leitor assume um papel participativo capaz de criar e transformar situações. A arte social realiza-se na interação entre sujeitos e, é nessa interação entre o criador e o leitor que se constitui a literatura. Assim, uma obra de arte literária não se completa sem a presença de um leitor que lhe dê vida e a razão de ser. A importância dessa constatação foi realçada por alguns grandes estudiosos da linguagem. A partir dos anos 70, dá-se uma reviravolta nos estudos literários, uma “mudança de paradigma”, nas relações do leitor/autor, conforme nos assegura Eco (1995) seu ensaio “Os limites da interpretação”.

Temos, por um lado a semiótica estrutural, que se afirma com textos e idéias de Barthes, Todorov, Pouillon, Genette, Kristeva,

Lotman, Uspenski, Riffaterre e Eco. Por outro lado surge também com muita força a linha hermenêutica com a proposta de Iser que se fundamenta em Ingarden, Gadamer, Mukarovski, Jauss, Stanzel – além dos teóricos anglo-saxões da narrativa e da crítica joyciana. Para Eco (1995, p. 05), “essa insistência (...) quase obsessiva em relação ao momento da leitura, da interpretação, da colaboração ou cooperação do receptor assinala um momento interessante na tortuosa história do *Zeitgeist*”. Quando Jauss se insurgiu em defesa do leitor, esse elemento primordial na constituição da obra literária, ele abriu, com sua “estética da recepção”, um novo modo de olhar o fato literário.

A gênese da criação (não só a artística) alicerça-se na criatividade alimentada pela imaginação. Lygia Bojunga sabe que o leitor experimenta alegrias e decepções quando se defronta de maneira lúdica com a leitura literária. Dando grande realce à imaginação e à criatividade do leitor, ela afirma em *Livro: um encontro com Nunes* (1990, p. 21): “eu, leitora, crio com minha imaginação todo o universo que vem cifrado nesses sinaizinhos chamados letras”. De maneira singular, Lygia Bojunga realça o poder do leitor em participar da criação artística, tornando-se também “um outro autor”. Essa consciência da função exercida pelo leitor é bem explicitada pela autora quando nessa mesma obra nos assegura:

Tá, tudo bem, você escreveu um bocado de texto, mas... e as entrelinhas? E as pausas? E os espaços em branco? As ambigüidades? Sou eu que fico enchendo aquilo tudo, não é? Eu: leitora. E não me pagam nem um tostão de direito autoral (NUNES, 1990, p. 21).

A literatura-arte não pode ser facilitadora da percepção para atrair seu leitor. O texto literário deve emocionar, inquietar, desafiar para que ocorra esse jogo dialético entre autor/obra/leitor. É dessa interação completamente imprevisível que surge um novo livro, pessoal e intransmissível. Daí o realce dado pela autora aos vazios, às descontinuidades, a importância de sempre haver obstáculos para serem movidos e/ou preenchidos pelo leitor. O escritor não é mais o único sujeito de sua própria obra e conscientemente solicita a participação do leitor. Cria assim o leitor-modelo – “uma espécie de tipo que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar” (ECO, 1994, p. 15).

Essa relação comunicativa é intrínseca ao ato da criação. Todo escritor deseja ser lido e aborda o seu leitor de diferentes maneiras. Lygia Bojunga cultiva uma relação de cumplicidade com os seus personagens, explícita com Lourenço e implícita com Ana Paz, e de tal maneira engenhosa trabalha esse artifício que seus leitores são capturados por essa força.

O processo de criação, mesmo constituindo-se como projeto único e singular do artista está voltado para o outro. Kristeva (1974, p. 62), lançando as bases para os estudos intertextuais, percebeu que “a palavra literária não é ponto (um sentido fixo), mas um *cruzamento de superfícies textuais*, um diálogo de diversas escrituras: do escritor, do seu destinatário (ou da personagem) do contexto cultural ou anterior”.

Sendo muitas as vozes que falam em um texto, a palavra literária se constitui em relação ao outro. A propósito, Bakhtin contribuiu decisivamente para que a linguagem fosse considerada em sua dialogia, em sua função histórica e social, e ainda na multiplicidade de significações, pois para ele a polifonia é o discurso do diálogo inacabado. Além disso, vale lembrar que uma peculiaridade da literatura é valer-se de uma linguagem simbólica que abriga uma pluralidade de sentidos. Barthes ressalta que a linguagem literária é estruturalmente plural, isto é, seu código atua de tal maneira que qualquer fala, de qualquer obra, gerada por ele será investida de sentidos múltiplos (BARTHES, 1996).

Na corrente da estética da recepção, Jauss destaca em suas argumentações a ideia básica do papel que a literatura representa na vida das pessoas. Essa intenção deliberada de destacar a função do leitor efetua uma mudança de paradigma nos estudos literários. O discurso agora se torna estético, abrindo-se à ambiguidade, ao questionamento do leitor. Já Iser (1996) estabelece a existência de dois pólos na obra literária: o artístico, criado pelo autor, e o estético, produzido pelo leitor.

Essa possibilidade de dialogar, num processo contínuo de construção e desconstrução, efetuando a leitura em plena liberdade, faz com que cada leitura seja a primeira, pois, como Lotman (1978, p. 58) nos afirma, “a linguagem da arte é uma hierarquia complexa de linguagens inter-relacionadas, mas não semelhantes. A isto está ligada a pluralidade de princípios das leituras possíveis de um texto artístico”. A liberdade da criação supõe uma correspondente liberdade de recepção, que admite diferentes interpretações conforme a necessidade do leitor, que é, sem dúvida o elemento estruturante da obra.

Jauss (1993, p. 14-5) define o papel e a contribuição específicas da literatura, como atividades sociais que se distinguem de todas as outras e que só manifestam as suas possibilidades quando “a experiência literária do leitor intervém no horizonte de expectativa de sua vida quotidiana, orienta ou modifica a sua visão do mundo e age conseqüentemente sobre o seus comportamento social”. Em outras palavras, o leitor sempre acrescenta elementos novos à sua leitura, pois o convívio com o texto propicia um alargamento de horizontes.

A dialogia que se estabelece entre o texto e o leitor possibilita, portanto, a interação de que nos fala Iser (1996, p. 53) quanto ao efeito do texto sobre o leitor e muda radicalmente o foco de interesse das leituras críticas: “daí segue que devemos substituir a velha pergunta sobre o que significa esse poema, esse drama, esse romance pela pergunta sobre o que sucede com o leitor quando com sua leitura dá vida aos textos ficcionais”.

A obra de Bojunga requer um tipo de leitor diferenciado. A escritora tem dito, em suas poucas entrevistas a jornais, não se preocupar que seu leitor seja criança, jovem ou adulto. O que ela quer é um leitor que seja capaz de uma leitura estética, simbólica, que penetre em sua linguagem artística. No livro *Um encontro com Lygia Bojunga Nunes*, obra marcadamente metalinguística, ela destaca a força da imaginação criativa que só pode existir na liberdade. O texto se oferece ao leitor para que este o complete ou rompa com ele, pois a interação se estabelece através das dificuldades. Lygia não só requisita um leitor especial como também ousa criar Lourenço, um personagem Leitor, com L maiúsculo, que escreve à sua escritora preferida opinando e sugerindo. O respeito com que Lygia trata o leitor, nunca subestimando sua inteligência e sensibilidade, leva-a a utilizar recursos literários sofisticados. Lygia, sem dúvida, ousa, utiliza técnicas inusitadas e acredita em seu leitor.

Lourenço, o leitor desejado e criado por Lygia, assume a função de leitor especial fundindo o mundo da realidade ao da fantasia e estabelecendo a ludicidade textual. Assim, ele está pronto para entrar no jogo, e faz um convite à participação ativa do receptor, propondo-lhe também realizar deslocamentos reais e metafóricos.

Para falar sobre a recepção da obra de Lygia Bojunga, decidimos que a melhor estratégia seria ouvir seu leitor. Para tanto, fizemos um trabalho de campo que não pode ser denominado pesquisa, pois não pretendeu essa abordagem. Não nos propusemos desenvolver investiga-

ções rígidas seguindo as abordagens etimológicas clássicas, percorremos o caminho inverso e demos total relevância à voz do jovem leitor, na qual subjazem sua história de vida e seus valores. Queremos assim nos posicionar ao lado desse leitor e permitir que ele deixe seu “rastros”, seu “contorno” neste nosso percurso.

O que pretendemos, pois é ouvir leitores da escola pública e da particular, alunos que, advindos de contextos sócio-culturais diferenciados posicionam-se com entusiasmo ou negligência frente a uma obra literária esteticamente realizada, como a de Lygia Bojunga. Uma abordagem que possa oferecer um novo campo de possibilidades para a pesquisa na escola, que reconheça na leitura a presença ativa e dinâmica do leitor, como possibilidades múltiplas de sentidos e ligações íntimas, que ultrapassem as imposições de uma leitura única. A recepção de uma obra não pode ser imposta, o leitor deixa de ser uma sombra para adquirir contornos próprios. As possibilidades dos encontros da leitura com o leitor acompanham as transformações desse leitor, que sempre se coloca frente a um mesmo texto como se fosse novo, como se pela primeira vez fosse lido, porque já o leitor, a cada leitura, está transformado.

Michèle Petit, no ensaio *La biblioteca, o el jardín interior preservado*, nos dá um comovedor depoimento sobre a leitura e leitores, dando realce aos pensamentos, às associações, às sensações experimentadas, aos laços escondidos que nas instituições anulam o leitor. Trata-se de um processo mais complexo, segundo Petit, do que as noções em geral utilizadas opondo “leitura útil” a “leitura de distração”. A leitura desejada (a estética) pode propiciar a compreensão do universo do leitor pela interferência do imaginário: “*Y todo eso gracias a la apertura de lo imaginario, gracias asimismo al acceso a una lengua diferente de la que sirve para la designación inmediata o para el improprio, gracias al descubrimiento esencial, de un uso inmediatamente utilitário del lenguaje*” (PETIT, 2002, p. 8).

Para ouvir o leitor jovem, elegemos a escola como espaço real para se conseguir a história singular de cada leitor, ainda que seja um lugar ambíguo para tal possibilidade, pois na verdade é a escola “o espaço real e possível de formação de leitores, mesmo que a custa de grandes contradições e descaminhos” (MAFRA, 2000, p. 74). A relação da escola com o leitor jovem tem sido muito afetada pelos paradoxos que esta interação oferece. Nas últimas décadas têm surgido escritores preocupados com o discurso estético, aberto ao questionamento e à par-

ticipação do leitor. Entretanto essa escola não corresponde ao desejo de leitura literária livre e espontânea, pois ainda não conseguiu se libertar da imposição, da obrigatoriedade e, portanto, de uma ligação distante da literatura com o leitor.

Até onde a escola tem responsabilidade para a formação do sujeito crítico, reflexivo e imaginativo, considerando-se a leitura peça fundamental para o ensino emancipatório? A escola que não permite a fantasia é uma escola impessoal e distante. Só através do rompimento dos limites do cotidiano, propiciado pela arte, é possível viver, pois como bem disse Cecília Meireles, “Á vida só é possível reinventada”.

Essa possibilidade de crescimento interior, que não exclui as questões exteriores, propicia a liberdade da mente. É importante durante a leitura dar asas à imaginação, à criatividade. A grande possibilidade aberta ao leitor de qualquer idade, pela literatura-arte e sua participação ativa na construção do texto que se oferece com múltiplos sentidos, reinventando o texto com o autor. O leitor deixa sua condição de passividade e atua opinando, concordando ou discordando da obra. Mas para isso o texto artístico requisita um leitor especial, como o Lourenço de Lygia Bojunga. A escola não contribui para que surjam esses leitores, pois ainda os amordaça, não permite que eles falem, nem que deixem seus rastros. A leitura se caracteriza pela obrigatoriedade, pela cobrança e pelo despreparo dos professores na escolha dos livros realmente bons. A literatura não está sendo bem conduzida nas escolas. É preciso distinguir um texto artístico de um trivial. Na formação da criança e do jovem, a literatura precisa permitir sonhar, vencer angústias, desenvolver a imaginação, viver outras vidas e, além disso, ter acesso à cultura. A produção literária brasileira destinada à criança e ao jovem hoje conseguiu atingir o estatuto da arte literária e se encontra distanciada de sua origem comprometida com a pedagogia (ZILBERMAN, 1989). Não há por que negar aos jovens leitores o acesso às obras de real qualidade estética que se encontram no mercado.

Nosso trabalho foi realizado na cidade de Goiânia, Goiás, com adolescentes entre 13 e 15 anos de idade, que frequentam a rede pública e a rede particular de ensino. Desejávamos alguns leitores voluntários para lerem *Fazendo Ana Paz e Paisagem*, de Lygia Bojunga, e escreverem suas impressões, como receptores privilegiados da literatura-arte. Os alunos se mostraram interessados e receptivos. Em ambas as escolas, mantivemos contato com a direção, coordenação e

professores para, finalmente chegar até os alunos. As diferenças entre esses leitores de contextos sócio-culturais diversos são flagrantes e podem ser perfeitamente observados em algumas amostras que recolhemos e que passaremos a analisar. Objetivamos uma abordagem da recepção da literatura-arte, cujo enfoque, entretanto, pode abrir um novo campo de possibilidades interpretativas para a pesquisa da leitura na escola.

Com esse objetivo na mente, procuramos ouvir a “voz” dos alunos, puxar os fios por eles construídos ao longo de sua história de vida e comprovar que as estratégias narrativas utilizadas no livro de arte literária podem ser assimiladas, ainda que parcialmente compreendidas pelo leitor jovem, seja ele da escola pública ou particular. Apesar de estarmos conscientes de haver problemas sérios em relação à educação em ambos os universos, temos que admitir a distância entre eles quanto à familiaridade com leituras, o trato com a linguagem, a utilização de livros em seu ambiente familiar e na própria escola, onde o enfoque dado ao artístico da obra literária é muito diferenciado.

Conversamos com os alunos sobre a pesquisa e a nossa curiosidade/necessidade em saber como eles viam e se sentiam frente à literatura de Lygia Bojunga. Nos depoimentos seguintes indicaremos o nome do aluno e a série, identificando a instituição apenas como sendo escola particular (E. Part.) ou escola pública (E. Públ.). Definido o grupo de leitores falamos um pouco sobre a autora, sua obra, o porquê de nossa escolha e o valor dessa literatura. Para a elaboração dos textos que refletem a recepção da obra da autora, foi necessária a leitura prévia dos livros *Fazendo Ana Paz* e *Paisagem*. Cada leitor teve a liberdade de escolher um deles. Para nortear a atividade escrita, alguns aspectos dos livros foram levantados e os alunos se manifestaram a respeito. Eis algumas opiniões desses leitores sobre *Fazendo Ana Paz* (manteve-se a redação original “ipsis litteris”):

“Sim e um livro interessante porque eu nunca vi um livro igual em que o autor interfere na história e conta um pouco da sua história” (José, 8ª série, E. Públ.).

“E mais ou menos interessante, pois conta a história de uma mulher e as fases de sua vida” (Naiana, 8ª série, E. Públ.).

“Eu achei interessante porque ela conta como foi difícil contar a história de Ana Paz que no final quase o personagem não saiu” (Juliana, 8ª série, E. Públ.).

Esses alunos da escola pública perceberam os movimentos do discurso narrativo e fizeram suas leituras. A dificuldade do ato criativo e os embates que o escritor enfrenta foram percebidos e explicitados por Juliana. Já o outro leitor, José, confessa “nunca ter visto um livro igual”, o que, presume-se, seja justamente o desejo da autora: apresentar uma literatura diferente, que desestabilize os conceitos tradicionais, que abale esse leitor e o leve a refletir e a criar. Já os alunos da escola particular, provavelmente mais familiarizados com o mundo da leitura, foram um pouco além:

“É incrível como este livro mexeu comigo, porque ele mostrou desde o começo de uma criação à um personagem e do jeito que um personagem mexe com o escritor e como este forma uma bela história” (Tatiana, 7ª série, E. Part.).

“O livro fazendo Ana Paz, de Lygia Bojunga, é uma obra bem interessante, pois simplesmente é diferente de todos os outros livros que já li. Nos transmite o carisma da autora, o que nos faz estar mais perto dela, como se Lygia lendo conosco, tendo as mesmas dúvidas, as mesmas descobertas. Outro fato importante é que não é uma história comum como a de outros livros, assim a história de uma autora a procura de uma personagem, ou vice-versa. E a forma como um escritor, uma pessoa comum, um ser humano como nós tem suas dificuldades durante o percurso que se deve percorrer com um livro” (Victor, 7ª série, E. Part.).

“É, sim, um livro interessante. Conta o reencontro da mesma Ana em três estações de sua vida, a de menina, a de moça e a de velha, procurando achar o elo de partida entre essas fases da vida e refazer um novo contato com si mesma. E o enredo se alterna com os conflitos da autora no ato de escrever, acrescentando uma ponta de metalinguagem” (Viviana, 8ª série, E. Part.).

Podemos já constatar uma acentuada diferença no manejo da linguagem e no reconhecimento de inovações criativas entre os alunos da Escola Pública e da escola Particular. Estes últimos penetram na obra de Lygia e são capazes de perceber pontos relevantes. Note-se o destaque dado “a um livro diferente, com uma história também diferente”. Esse tipo de comentário sugere um leitor com maior vivência de leitura, pois compara a obra em questão com outras de seu repertório. Desse maior conhecimento decorre uma proximidade maior com

a autora (como se verá no livro *Paisagem*). A escritora perde sua aura e passa a ser uma “pessoa comum”, como nos fala Victor.

Os embates do processo criativo também são assimilados por esses leitores. Quando comentam sobre o início do livro, inquirindo se é normal essa maneira de iniciar uma narrativa, notamos como nem todos assimilam as artimanhas da autora. Vejamos algumas declarações.

“Em meu ponto de vista eu acho um início anormal porque eu nunca vi um autor interfere na história mas foi bem interessante” (José, 8ª série, E. Públ.).

“Sim por que, ela conta a vida i depois entra em um personagem” (Nauana, 8ª série, E. Públ.).

“Começou sertinho porque começou do começo da história da mulher apaixonada” (Guilherme, 8ª série, E. Públ.).

Sentimos que esses alunos tiveram dificuldades para perceber as estratégias utilizadas pela autora. A construção dessa narrativa a partir de um início elaborado não os tocou. Já os alunos da Escola Particular mostraram ter outra percepção do texto, mais uma vez, lembramos a necessidade premente, que essa realidade nos mostra, de se levar a boa literatura também e principalmente às Escolas Públicas. O acesso aos bens culturais e os conseqüentes benefícios que podem propiciar ao ser humano, seja criança, jovem ou adulto, não podem ser negados a essas crianças.

Muito se tem falado sobre isso, entretanto apenas recentemente alguns projetos vêm sendo implantados no âmbito de toda a nação, como é o caso de *Literatura em minha casa* (MEC/PNBE, 2001 e 2002), cujos frutos virão com o tempo.

Ouçamos a voz dos alunos da escola particular que supomos terem maior intimidade com os livros, que estes façam parte da sua vida e de sua casa. Supomos ainda que seus pais sejam leitores, e que eles tenham ouvido histórias desde pequeninos. Que o seu mundo imaginário, que suas fantasias foram possíveis. Pelo menos, é o que se depreende dos depoimentos prestados.

“A maneira como a autora inicia o livro é diferente no aspecto que ela ainda tem incertezas sobre a história e narra as surpresas que seus próprios personagens pregam nela mesma” (Viviana, 7ª série, E. Part.).

“Já no começo da obra podemos notar que a autora dialoga consigo mesma e com nós leitores, sobre um tema quase nunca exposto, o processo de criação de um livro. Um começo já bem diferente, pois além de estar dialogando com os leitores, expõe a forma como surge um personagem, de supetão, sem mais nem menos, sem se estar preparado. E como este ocupa espaço na vida de um autor, como um verdadeiro filho, exigindo carinho, atenção, amor” (Victor, 7ª série, E. Part.).

“Não sei o que é normal, será que o normal é começar uma história dizendo: - Era uma vez...Ou dizendo aquilo que realmente importa para a escritora, eu acho que a escritora passou para o leitor uma história confusa, mas que aos poucos (a escritora) foi entendendo e explicando para o leitor” (Tatiana, 7ª série, E. Part.).

Em relação às personagens, percebe-se que apenas um dos alunos da escola Pública conseguiu penetrar no universo criativo de Lygia:

“Este livro é diferente porque nos outros livros os personagens são fantasmas mas na Ana Paz é diferente o autor aparece na história e o personagem parece ser de verdade” (José, 8ª série, E. Publ.).

“A Ana Paz, era uma menina que morava com o pai e a mãe, viu seu pai morrendo aos oito anos de vida. Ela conta no livro todas as etapas de sua vida, desde criança até uma senhora de cabelos brancos” (Juliana, 8ª série, E. Públ.).

Quando José fala espontaneamente que “nos outros livros as personagens são fantasmas e neste a personagem parecer ser de verdade”, está destacando um dos pontos mais caros à ficcionista, que não consegue imaginar uma personagem “sem vida”. Também este aluno destaca outro aspecto relevante na constituição do discurso estético: o “autor aparece”. Este fato realmente ímpar merece destaque por esse leitor comprovar sua capacidade de perceber as sutilezas da narrativa de Lygia. Percebemos assim através da “voz” de José como um jovem mesmo não sendo privilegiado com leituras variadas pode participar da ambiguidade do texto literário, o que comprova nossa crença na necessidade de os alunos menos privilegiados terem acesso a textos de literatura-arte. Ouçamos a “voz” dos alunos da Escola Particular sobre a personagem:

“Ana Paz é diferente de outras personagens, porque está quebrada em três pedacinhos, três trechos de vida que só depois de oitenta anos se encontram de verdade e isso é suficiente para refazerem os elos perdidos. Mas mesmo assim, Ana Paz não fica resolvida. Ana Paz não é esclarecida. Talvez porque ela foi criada para ser assim, de certo para representar aquela nossa parte que nunca irá se resolver” (Viviana, 7ª série, E. Part.).

“A personagem Ana Paz se difere das personagens de outros livros, pois não possui uma história lógica, como nasceu, seus pais, sua adolescência, sua maturidade, só fragmentos que nos levam a pensar; a criar-lhe uma história, a dar-lhe vida em nossas mentes, a transformá-la em mulher, a ter filhos, a ser mãe e esposa, a ser idosa, ser esquecida, desrespeitada, a ser humana, a ser pessoa. E é esse o objetivo do livro, nos levar a pensar, a discutir; A concordar e discordar, as ser mais nós mesmos” (Victor, 7ª série, E. Part.).

É preciso ressaltar que em todos os depoimentos dos alunos existe a constatação de que *Fazendo Ana Paz* é uma obra diferente, atípica. Atentemos para o texto de Mariana para percebemos como a leitura emociona, desperta a sensibilidade, amplia a visão de mundo, justamente por penetrar e preservar a interioridade do leitor:

“Eu achei um tanto poético quando Ana Paz conta da casa do armário, da cozinha, das telhas quebradas no telhado, se mecheu estalando e etc” (Mariana, 6ª série, E. Part.).

“É simplesmente extraordinária a hora em que Ana Paz chega em seu quarto e mesmo sem estar lá Ana Paz podia ver tudo o que estava lá. E finalmente se encontrar com sua infância. É muito triste o encontro com o pai da vontade de chorar. As páginas 38,39,40 me deixaram muito aguniada, até fiquei com um certo tremor nas pernas quando fui dormir” (Mariana, 6ª série, E. Part.).

Uma das marcas mais distintivas da obra ficcional de Lygia Bojunga é o uso da linguagem. Vejamos como ela é vista por esses jovens:

“Eu achei até interessante que ela relatou uma personagem que a cada dia ela ir produzindo e a personagem ia ficando velha a cada dia que ia passando” (Juliana, 8ª série, E. Públ.).

“E uma linguagem ruim; pois no mesmo tempo que ela conta uma história já passa p/ outras coisas” (Nauana, 8ª série, E. Públ.).

“Eu achei ótima esta linguagem porque eu já estava injuado de aquelas histórias de sempre” (José, 8ª série, E. Públ.).

“Muito amorosa com a sua voz, no jeito que ela descrevi muito bom” (Guilherme, 8ª série, E. Públ.).

Atentemos às diferenças de linguagem e expressão entre os alunos das instituições pública e particular. Ouçamos os alunos das escolas particulares:

“Utilizando de uma linguagem bem coloquial, às vezes até palavras de calão, a autora nos aproxima mais do seu livro e, dessa forma, também de si mesma. Ao contrário de outros livros, que de tão cultos e formais, chegam a ser importunos” (Victor, 7ª série, E. Part.).

“A linguagem usada pela escritora é compreensiva, e ela passa p/ o leitor o que ela está imaginando e toda essa imagem, se transforma uma grande imagem para o leitor” (Tatiana, 7ª série, E. Part.).

A linguagem é capaz de grandes façanhas, ela diz e oculta, mostra e seduz. Esses leitores (des)conhecendo os artifícios possíveis da linguagem, sua pluralidade, não sabem o quanto dizem nada dizendo. Quando Tatiana (E. Part.) fala de uma “linguagem compreensiva” ela quer nos dizer de uma linguagem clara, simples, fácil de entendimento, participante do universo desse leitor. É o que Lygia (ou qualquer outro escritor) por certo deseja: insere-se no mundo da linguagem de seu leitor. No jogo de imagens, pelo qual o leitor é afetado, dá-se o efeito do texto sobre o leitor explicitado por Iser, procedimento importante na constituição do leitor atuante. Victor (E. Part.), que demonstra bom desempenho lingüístico, consegue se expressar com clareza e destaca um aspecto crucial da obra de Lygia: que a linguagem usada pela escritora aproxima o leitor do livro. Vemos assim que os artifícios sutilmente elaborados por esta escritora atingem o seu objetivo.

A linguagem de idas e vindas é destacada pela leitora Juliana (E. Públ.), que a considera “até interessante”, o que pode significar entre outras coisas, que essa aluna percebe uma diferença na estrutura

dessa ficção, mas ainda não sabe bem como lidar com ela. Já Nauana (E. Públ.) classifica a linguagem como ruim, não pelas palavras e/ou expressões utilizadas no texto, mas pelo movimento incessante da narrativa de Lygia. Isso, que à primeira vista poderia nos parecer negativo, é extremamente positivo, no sentido de essa leitora ter sido afetada pelo texto. José (E. Públ.), por sua vez, faz um enfoque interessante, pois ao avaliar a linguagem como “ótima” argumenta: “eu já estava injuado...”. A diferença do padrão habitual mostrou-lhe um caminho novo e atraente. Percebemos, portanto, como esses leitores são sensíveis a uma leitura motivadora. Cada leitor tem sua maneira própria de sentir e dizer como a leitura o afetou e é justamente esse caráter heterogêneo que deve ser preservado em nossas criança e jovens como defesa contra a massificação, tão presente nas escolas.

Em relação à interferência da autora na ação ao final dado à narrativa, as mesmas constatações se reafirmam:

“Eu vejo que ela não perdia tempo quando Ana Paz não ia passando para uma folha ela já ia fazendo outro personagem. Daria outro final. Com a morte de Ana Paz e com muitos filhos, netos, bisnetos e etc” (Juliana, 8ª série, E. Públ.).

“Não (daria outro final) esse foi bem criativo (Nauana, 8ª série, E. Públ.).

“Eu vejo isso como se ela estivesse na história para contar um pouco de sua história que e também muito interessante. Não eu não quero dar outro final feliz na historia porque assim estava muito bom isso e a historia fica melhor com este final. Conclusão - Finalmente eu li um livro interessante que cada página que eu virava...e lia a outra rapidamente” (José, 8ª série, E. Públ.).

“Eu acho que foi uma forma de ela aparecer no livro e ficar mais interessante” (Guilherme, 8ª série, E. Públ.).

Guilherme consegue dar a melhor explicação para a interferência da autora. Um leitor que parecia alheio a toda essa movimentação artística da leitura encontra um ponto tão relevante – a auto-referencialidade, o que justamente contribui, como este leitor afirma, para o texto ficar mais interessante. Note-se também que Nauana e José não dão outro final por acharem que o da narrativa é “bem criativo”, “está melhor” e que, apesar da péssima caligrafia, José admite, no final da

leitura: “finalmente li um livro interessante...”. Com relação ao grupo de leitores da escola particular, Viviana não comenta a interferência da autora, porém justifica muito bem o final do livro *Fazendo Ana Paz*. Victor efetua um acréscimo na sua posição de leitor, pois percebe e enfatiza a dessacralização do autor. A perda da aura é muito bem exposta por Victor e essa constatação lhe agrada, na função de leitor. Tatiana, por sua vez, refere-se à metalinguagem, procedimento que provavelmente não domina ainda, mas é envolvida pela força que este recurso tem na ficção de Lygia. Ouçamos esses leitores:

“Com a interferência da escritora, o livro se torna mais dialogado, pois contamos com a sua opinião, com suas informações e interpretações, o que trás mais para perto do leitor. Na minha opinião, os livros deveriam ser assim, nos levar para a realidade do autor, sentir seus medos, ter suas opiniões, compartilhar seus sentimentos e assim, tê-lo de igual para igual e não como um diferente, como alguém sobrenatural. O final do livro ficou muito interessante, conseguiu colocar Ana Paz para fora, a libertá-la (...)” (Victor, 7ª série, E. Part.).

“Não mudaria o final do livro. Se Ana Paz se resolvesse, perderia sua graça, perderia o encanto de estar sempre se descobrindo” (Viviana, 7ª série, E. Part.).

“Sim, Lygia Bojunga interfere no desenrolar da narrativa, pois como ela forma os personagens, que saíram da cabeça dela, ela tem relatos sobre como se formou cada uma de suas personagens, que saíram da cabeça dela, ela tem relatos sobre como se formou cada uma de suas personagens. Eu não me interferia nessa estória, porque eu achei a história fantástica e como disse a escritora, não teria coragem de mudar, uma coisa tão real” (Tatiana, 7ª série, E. Part.).

Vejamos agora como o outro grupo de leitores se posiciona em relação ao livro *Paisagem*, da mesma autora:

“A minha opinião é que a autora é muito boa, sabe escrever muito bem seus livros e espõe seus pensamentos muito bem” (Hugo, 8ª série, e. Públ.).

“É porque ela conta o que aconteceu realmente com ela que é a história de um leitor e uma escritora que sonham com a mesma paisagem” (Lucas, 8ª série, E. Públ.).

“Eu achei interessante, porque a própria escritora entre dentro, participa da história, coisa que às vezes é muito raro acontecer, mas achei o livro um pouco confuso, são muitos acontecimentos. E isso às vezes me confunde, quando terminei o livro nem sabia mais o começo, se o começo uma coisa se era outra. Mas a parte de você se encontrar com o Lourenço, dialogar com ele, eu achei muito interessante” (Ludimilla, 8ª série, E. Públ.).

A leitora Ludimilla registra como “interessante” a própria escritora entrar dentro da história. Assinala ser raro esse procedimento o que vai ao encontro do que pensamos e, ao que parece, também do desejo da escritora. Note-se como registra ter achado “um pouco confusa” a narrativa, sinal de que também foi atingida pelos artifícios de Lygia Bojunga.

“Paisagem é uma narrativa que entrelaça os dois momentos do processo de escrever uma história: o da criação (papel do autor) e o da “recriação” (papel do leitor), para tecer essa relação, Lygia criou o personagem Lourenço, um jovem que se corresponde com a escritora que ele mais admira” (Gustavo, 7ª série, E. Part.).

“O livro Paisagem, de Lygia Bojunga é muito interessante pois a forma que ela usou para escrever este livro nos prende não nos deixando parar de ler. Eu tenho que confessar que eu não gostei muito do começo, mas logo a história foi me envolvendo e e eu só parei de ler quando cheguei ao final. Enfim, o mistério que o livro faz sobre o final é que torna tão interessante e envolvente” (Laurrayne, 7ª série, E. Part.).

“Achei um livro interessante, pois ele desperta a curiosidade de chegar ao final logo. Existem palavras que eu nunca tinha lido. Este livro fala muitas coisas, é verdadeiramente uma conversa sem fim ou sem pontuação” (Rafael, 7ª série, E. Part.).

Mesmo os alunos da escola particular não foram totalmente capazes de perceber algumas artimanhas da ficcionista, mas apesar disso consideram essa leitura desafiadora e muito boa. A partir do início do livro e da aparição de Lourenço, somos direcionados para outras questões. Ouçamos esses leitores:

“Nenhum livro que eu havia lido havia começado contando que recebeu uma carta de alguém que ela nunca tinha visto, bem de longe. Lourenço é um personagem muito diferente pois ele sonha com a paisagem que a escritora está escrevendo em Londres e ele está no Rio de Janeiro. O modo de escrever as cartas para a escritora é o que ta diferente das histórias que eu li” (Lucas, 8ª série, E. Públ.).

“É normal porque eu acho esse jeito normal, mas não é normal porque muitos escritores começam com “Um dia” ou “era uma vez!”. Só não gostei mais porque você falou dos seus livros e depois você falou do Lourenço até aí tudo bem mas depois você já falou do sonho e aí você já foi aprofundando no “sonho”, e depois eu confundi uma coisa com a outra, mas fora essa parte do sonho achei super legal, e sabe acho que as vezes eu sou um pouco “Lourenço”. Quando leio uma história gosto de ficar dentro dela, me imaginar lá no meio dos personagens, achei muito legal” (Ludimilla, 8ª série, E. Públ.).

“A autora sabe transmitir muito bem suas coisas, seus livros são muito bons, ela fica no coração das pessoas uma personagem de boa ação, ela é dez, muito legal. Seu livro mostra tudo, ele nos mostra muita coisas a autora é uma artista” (Hugo, 8ª série, E. Públ.).

Observe-se que Lucas classifica Lourenço como “muito diferente”, por sonhar com a paisagem e pelo modo de escrever as cartas para a escritora. É um aspecto importante do livro *Paisagem*, a maneira como Lourenço escreve as cartas, pois o signo gráfico “fala” tanto ou mais que o significado das palavras. Assim, como vimos, a falta de pontuação, a letra apertada, os espaços em branco - são elementos que constituem a articulação astuciosa dessa narradora. A leitora Ludimilla utiliza o pronome “você” nas suas argumentações como se estivesse falando com a autora. Parece-nos um traço denunciador da intimidade e envolvimento que a ficção de Lygia estabelece com o seu receptor. O interessante que essa leitora, como o Lourenço, aponta o que não gostou na leitura e declara também ter vontade de escrever ao seu escritor preferido, como Lourenço o faz. Por essa declaração podemos perceber o grande poder de sedução de Lygia Bojunga. Seu leitor, e em especial o jovem, se identifica com o Lourenço, efetuando suas projeções.

“Eu não achei normal como a autora iniciou esse livro, achei (um início) diferente comparando a outros livros, pois o livro paisagem ela já começa falando do personagem e do assunto” (Bruno, 7ª série, E. Part.).

“Considero normal mas um pouco estranho, porque ela começa que nem fosse uma carta mas assim ficou bom, porque tem um jeito diferente” (Rafael, 7ª série, E. part.).

“Para mim o início do livro não é muito comum, pois a autora o inicia como se ela estivesse falando com um amigo, como se ele conhecesse o leitor, ela simplesmente não faz nenhum tipo de apresentação. Mas apesar disso eu acho esse tipo de início normal, pois em alguns livros já lidos por mim o início é da mesma forma e isso é bom, pois faz com que o leitor sintam-se seguro e envolvido na história” (Laurrayne, 7ª série, E. Part.).

“Lygia Bojunga iniciou seu livro diferente de outros autores, foi o que me chamou a atenção. Ela começou falando sobre seus livros e depois já passou a falar sobre Lourenço” (Marisa, 7ª série, E. Part.).

“A maneira como a autora iniciou o livro não é muito convencional, ela realizou uma análise do processo de confecção de Paisagem e o que a levou a escrever tal livro. O livro nos passa uma personagem solitária que encontra um fã que contém ideologias similares aos dela” (Gustavo, 7ª série, E. Part.).

Referindo-se ao que chama de “processo de confecção”, este leitor consegue ver a inscrição da metalinguagem no texto da autora. Trata-se de uma observação muito peculiar e diferenciada, pois apesar de esses leitores estarem sob o impacto da leitura, supomos que eles ainda não sejam capazes de identificar os procedimentos artísticos usados por Lygia Bojunga nesta obra. Gustavo fala do personagem Lourenço com sensibilidade, pois consegue perceber sua “solidão” e a grande afinidade que o liga à escritora. Novamente sobressai a engenhosidade da autora, criando uma personagem como Lourenço, que possui características muito próprias às de quase todos adolescentes. Assim, a “afinidade” que ela tanto destaca entre o leitor e autor no âmbito de *Paisagem* expande-se ao leitor real, ao leitor desejado. É um jogo mágico, principalmente quando constatamos sua eficiência a partir do testemunho do próprio leitor.

Vejamos, para concluir, as considerações que esses alunos fizeram em relação à linguagem, à interferência da narradora e ao final do livro:

“Não é uma linguagem tão formal, isso também é o que mais acontece nos livros, mas foi uma linguagem bem expressiva, parecia que a cada frase que eu lia era você que estava me contando, imaginei até a sua voz e até a dos outros personagens! Sim, ela entra mais na história participa, não é alguém que está falando, é ela mesmo, gosto muito disso. Não, não daria outro final, achei super legal derrepente o João aparece na paisagem e vocês dois ficam ali, mas era que não podia rolar um clima entre vocês dois. Aí já lançava o ‘Paisagem 2’! Mas isso já é outra história! Gostei do final! Sabe que eu também quero ser escritora, às vezes me dá vontade de pegar um caderno e escrever um livro com a minha história, mas aí eu paro e penso que ainda há muita coisa para que aprender! É só isso gostei do livro, se algum dia eu tiver a oportunidade de conhecer outros livros acharia muito legal!!” (Ludimilla, 8ª série, E. pub.).

“Linguagem muito boa. Não (daria outro final) pois o final que a autora deu é muito bem bolado e diferente” (Lucas, 8ª série, E. Públ.).

“Minha opinião é que ela deve continuar cada dia mais tentando melhorar e que seus livros cada dia nos mostre o bom da leitura o amigo que o livro é e que ela lute para que cada dia para que o futuro se tenham mais leitores de todo Brasil como o mundo, e que ela não se esqueça de mostrar seus livros para o mundo e que seus livros são de ficar de queixo caído e merece sempre ser lembrado para cada dia e que nunca se esqueça de ter raça e muita força e que ela seja sempre essa grande mulher” (Hugo, 8ª série, E. Públ.).

Percebe-se o entusiasmo desse leitor que, tocado pela narrativa, atende ao convite da autora e, como Lourenço, também expressa sua opinião de leitor. Os pontos levantados por Hugo são importantíssimos como: “mostrar o bom da leitura”, “o amigo que o livro é”, “lutar para ter mais leitores no Brasil e no mundo”. Não é preciso que se diga mais nada, pois Hugo, esse leitor especial já o disse, e o que mais nos encanta é ser esta a voz de um aluno da escola pública, que se defronta cotidianamente com todas as dificuldades já mencionadas.

As observações de Ludimilla são também pertinentes. De fato, um dos objetivos de Lygia Bojunga é valer-se do registro coloquial. A linguagem oral presente em sua ficção consegue estabelecer a co-

municação desejada com o seu receptor, possibilita que a história seja percebida “como se fosse contada”. A leitora, mesmo dizendo não querer alterar o final da obra, não resiste ao jogo interativo que vê acontecer entre as personagens, leitor e escritora, em *Paisagem*, e propõe outro epílogo. Vemos assim como esses leitores, como Lourenço, estão prontos para participar da obra, dar sua opinião, mudar os fatos. Sem dúvida, trata-se do leitor desejado por Lygia Bojunga. Essa mesma leitora confessa, ao final, seu desejo de também ser uma escritora, e a vontade que tem de ler outros livros. Assim, lendo esses depoimentos de alunos de escolas públicas, podemos constatar uma carência muito grande de leitura, devida á falta de oportunidades.

Vejamos os comentários dos alunos da escola particular:

“Eu achei uma linguagem boa a escritora soube muito bem escrever este livro que em compensação ficou ótimo. Ela interfere no desenrolar da narrativa, e eu gostei, achei bom, pois ela interfere mas ajuda o leitor a entender melhor o livro. Eu não daria outro final, porque eu gostei do livro do começo ao fim, e o final se eu mudar vai ficar muito ruim pois eu não sou nenhum belo escritor comparado a Lygia Bojunga” (Bruno, 7ª série, E. Part.).

“A linguagem usada por ela caiu direitinho com o personagem Lourenço, pelo menos para mim que o imaginei como um menino de dezesseis e dezessete anos antes de eu ter lido a parte que os dois se encontram (leitor e escritora). Eu não gostei foi do final do livro, não que não esteja bom, mas eu estava esperando por outra coisa. Não sei porque, mas adoro final feliz, então eu colocaria a Mulher como se fosse a Renata e o Homem o Lourenço. E como se a escritora fosse mãe dele no passado. Não sei direito se iria ficar bom mas ao desenrolar do livro fiquei pensando nisso” (Marisa, 7ª série, E. Part.).

“Achei bastante original (quanto à linguagem), pois ela usa apóstrofes e também bastante radical. Não daria outro final. Eu vejo como um jeito novo de escrever que nem uma revolução na escrita” (Rafael, 7ª série, E. Part.).

“A linguagem usada pela autora é muito nova para mim, pois ela aparece que não está ‘escrevendo’ e sim contando um diálogo como se ela estivesse contando oralmente: sem pausa, vírgulas...nada, sinceramente eu gostei muito. Pelo que eu per-

cebi e entendi a autora não interfere na narrativa, mas sim faz parte dela como uma personagem e isto eu nunca havia visto em nenhum outro livro e espero poder ler mais livros parecidos. Para mim o final do livro está perfeito, não precisa nenhuma modificação pois o que ocorreu esta totalmente de acordo e lógico com o desenvolvimento da história” (Laurrayne, 7ª série, E. Part.).

É perfeitamente possível e normal a esses jovens leitores que acabamos de ouvir uma ruptura, uma demolição total das estruturas narrativas habituais. O jovem está inserido num universo que gira incessantemente e dessas voltas emana dinamismo e tensão, que estão sempre obrigando este jovem a se posicionar. Ora, essa “revolução” efetuada pela escritura de Lygia, se assim pudermos chamá-la é necessária e muito bem vinda. É claro que esses jovens não conseguem perceber toda a natureza das estratégias utilizadas pela autora, nem nomeá-las, sequer reconhecê-las, porém, assimilam com o esperado prazer frutivo. Percebemos que os alunos de uma maneira geral foram tocados pela singularidade da escrita de Lygia Bojunga. O mais importante a destacar é que esses leitores foram sacudidos de sua atitude de inércia, da passividade que muitas vezes acompanha a leitura. Desta forma este leitor já se posiciona de forma diferente para ler um livro e interagir com o texto situando-se como o leitor desejado (com letra maiúscula, como queria Lygia, no livro *Paisagem*), que opina e interfere, que muda o final da história, que quer escrever à sua escritora preferida e que quer ser também... um escritor.

RECEPTION OF THE LITERARY TEXTS AND THE YOUNG READER: A (NOT) SO DIFFICULT CONJUGATION

Abstract: this article aims to discuss the reception of literary texts, describing situations which induce Young readers to produce creative responses in given dialogic interactions. This survey concerns two juvenile novels by the contemporary Brazilian authoress Lygia Bojunga Nunes, Paisagem (Landscape) and Fazenda Ana Paz (Making Ana Paz). Bojunga's fictions, making use of a manifold language, often require a special kind of reader, who can fill up the narrative blanks and even recognize himself in the plot. We decided to listen to this reader, letting

him talk about this life and aims, and realizing how the reading of Bojunga's novels affected his way of thinking and behaving.

Keywords: *Reading. Reader. Juvenile novel. Reception. School.*

Referências

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Vols. 1/2. São Paulo: editora 34, 1996 e 1999.
- JAUSS, Hans Robert. *A literatura como provocação*. (s/l) Passagens, 1993.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa, Portugal: Estampo, 1978.
- MAFRA, Núbio Delanna Ferraz. No ser e no ler, desconforto: literatura infanto-juvenil e adolescente leitor. In: *Leitura: Teoria e Prática*. ABL, v. 19, n. 36, dez (2000). Campinas, SP: ABL: Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.
- NUNES, Lygia Bojunga. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. 2 ed Rio de Janeiro: Agir, 1990.
- _____. *Fazendo Ana Paz*. Rio de Janeiro: Agir, 1991.
- _____. *Paisagem*. Rio de Janeiro: Agir, 1992.
- PETIT, Michele. La Biblioteca, o ele jardim interior preservado. In: *Leitura: Teoria e Prática*. ALB, v. 20, n. 39, out. (2002) campinas, SP: ALB; Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1993.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

* Recebido em: 09.04.2012. Aprovado em: 29.08.2012.

** Doutora em Letras (IBILCE/UNESP). Professora Adjunta na Faculdade de Educação da UFG. Coordenadora da Pesquisa: A Literatura-arte na Escola Pública, vinculada ao Programa de Pós-Graduação e à Linha de Pesquisa Formação de Professores. E-mail: eliel@cultura.com.br